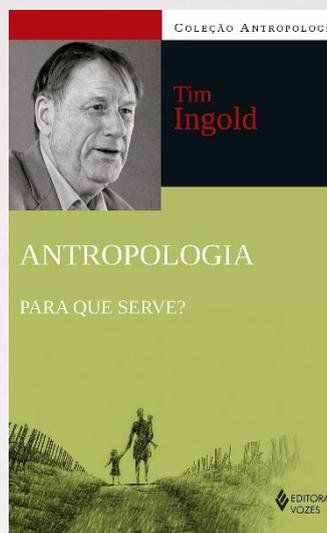


RESENHA
Antropologia: para que serve?

Arantxa Santos¹
Universidade Federal do Pará



INGOLD, Tim. *Antropologia: para que serve?*
Petrópolis: Vozes, 2019.

SANTOS, Arantxa. **Antropologia: para que serve? (Resenha).**
Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 9 (19): 223-228,
janeiro a abril de 2022. ISSN: 2358-5587

¹ Bacharela em Relações Internacionais pela Universidade da Amazônia (UNAMA), Especialista em Gestão Ambiental pela Faculdade Ideal (FACI), e Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA).

Esta resenha apresenta os principais pontos da obra *Antropologia: para que serve?*, onde Tim Ingold aborda a história da antropologia enquanto disciplina, tendo enfrentado divisões e desafios, para atualmente ser apreendida como uma disciplina ligada à esperança no futuro. O objetivo principal do autor é refletir sobre a mesma, ressaltando os fatores que requerem melhorias. Para isso, o autor divide o livro em cinco capítulos, que serão abordados de forma cronológica a seguir.

Em seu primeiro capítulo, “Sobre levar os outros a sério”, o autor incentiva a reflexão sobre a maneira que devemos viver, levando em consideração que exatamente esse ato é o que nos faz humanos, envolvendo a todo momento a possibilidade de dividir-se em diversos caminhos, que por sua vez não são realizados sozinhos, mas na companhia dos outros. Por esse motivo, a vida humana tem o caráter social, sendo um processo contínuo e coletivo de descobrir como viver.

Nesse sentido, se faz necessário um campo de estudo que teria a incumbência de aprender a maior variedade possível de abordagens, voltando-se para a questão de como viver na sabedoria e na experiência de todos os habitantes do mundo, não importando a sua origem, seu modo de vida e lugar de morada. Dessa forma, o livro tem como objetivo refazer a antropologia para o futuro e recontar o seu passado.

Com uma população estimada em sete bilhões de pessoas, e com a projeção de ultrapassar 11 bilhões no final do século, nunca fomos tão numerosos e vivemos, em média, por tanto tempo. Por isso, alguns declararam o começo de uma nova era na história terrestre: o Antropoceno. E encontrar o nosso caminho em meio às ruínas é uma tarefa de todos nós, sendo justamente essa a importância da antropologia, cuja tarefa, para o autor, é restaurar o equilíbrio entre conhecimento transmitido pela ciência e a sabedoria da experiência e imaginação.

Nesse sentido, na opinião do autor, a importância da disciplina se dá exatamente pelo potencial de educar e transformar vidas, que por sua vez só acontecerá se estivermos abertos a aprender com aqueles que trabalhamos, ou seja, levando-os a sério, sem classificá-los com base em uma escala de razão, inteligência ou maturidade. Não pela busca da elaboração de um catálogo da diversidade dos modos de vida humanos, mas de unir-se a esse diálogo.

No capítulo seguinte, “Similaridade e Diferença”, o autor aborda a noção de que todo mundo é diferente. Entretanto, os membros de uma cultura têm muito em comum, geralmente falam a mesma língua, possuem o mesmo estilo de vida, seguem a mesma religião e aderem aos mesmos valores, e por essas semelhanças, é possível até mesmo afirmar que eles habitam o seu próprio mundo cultural, apenas um dos diversos mundos que formam o mosaico da humanidade.

Na opinião do autor, a antropologia deve ser fundada no princípio de que habitamos um único mundo, porém não trata de um mundo de similaridade, mas de múltiplas diferenças, e o desafio seria explicar com clareza e convicção a singularidade de tal mundo. E é essa a tarefa de Tim Ingold neste capítulo, abordar

o desafio sobre o significado da afirmação de que as pessoas são iguais ou diferentes.

Para os antropólogos, essa empreitada está ligada a duas palavras-chave que perseguem a disciplina desde o seu surgimento: “natureza” e “cultura”, cujos significados são tão controversos que Ingold nem os revisa, se contentando em declarar que a natureza leva um sentido das qualidades essenciais que coisas de certo tipo têm em comum, dadas desde o início, estáveis e imutáveis; enquanto que a cultura, sempre foi um sinal de distinção ou particularidade, qualidades que foram desenvolvidas ou adquiridas. Entende-se então que se a natureza é imutável, a cultura está aberta ao desenvolvimento, à variação e à mudança histórica.

Nesse sentido, o trabalho da antropologia é ir além da ideia de humanidade, ou ao menos enquadrá-la de modo diferente, e o primeiro passo é adotar a natureza e a cultura não como respostas, mas como perguntas. Além disso, o autor instiga a reflexão voltada para o fato que os seres humanos são resultado de uma interação entre causas endógenas e exógenas, genes e ambiente, produtores de suas próprias vidas, reagindo aos contextos que encontram, que por sua vez foram moldadas por suas ações e ações dos outros no passado. Por isso, a vida humana não pode ser compreendida como uma passagem da uniformidade à diversidade, pois estamos sempre criando a nós mesmo e uns aos outros.

Assim, é um erro povoarmos o passado e o futuro com pessoas iguais a nós, que uma vez lançados neste mundo de variação contínua, não temos outra alternativa a não ser seguir adiante a partir daquele momento e daquele lugar, onde a convergência e divergência prosseguem lado a lado, durante todo o ciclo da vida.

Ao longo do capítulo o autor destaca bastante a importância das diferenças, pois é na medida em que nos montamos de coisas diferentes – experiências, observações, habilidades – que passamos a pertencer a comunidades, uma vez que cada um de nós, sendo diferente, tem algo a oferecer, sendo estas as bases do fenômeno da etnicidade.

Em “Uma Disciplina Dividida”, terceiro capítulo do livro, o autor efetua uma reflexão sobre a forma como a ciência é ensinada, pelo menos pela sua experiência, tendo se tornado fastidiosa, intelectualmente claustrofóbica e dedicada à perseguição de objetivos distantes da experiência. O sentimento da época de sua formação era que qualquer coisa muito próxima das realidades da vida, tal como vivenciada na atualidade, era controversa demais. A partir desse contexto, o autor declara o que o levou à antropologia, ao pensar se tratar de uma disciplina que poderia reconciliar as ciências naturais e as humanidades de modo reconsiderar a experiência vivida.

Entretanto, Ingold destaca as divisões da disciplina, que o mesmo pretendia superar, cada uma possuindo seus próprios interesses, métodos e trabalho e meios de publicação. Mas, como questiona o autor, por trás de todas as antropologias, há algo que as une? Esse é o propósito desse capítulo, compreender o diálogo antropológico desde o seu surgimento e acompanhar seus altos e baixos.

A antropologia iniciou com a pretensão de forjar uma “ciência do homem” unificada, mas ela se desintegrou. A disciplina da antropologia promete uma exposição unificada da evolução humana em três frentes: anatômica, artefactual e institucional, cada uma devendo ser estudada por um ramo diferente da disciplina. Essa é a origem do que é frequentemente chamado de a composição “em três campos” da antropologia.

O autor retoma a experiência da sua formação, onde optou por seguir em antropologia social, que se separou dos campos irmãos sob a influência do funcio-

nalismo. E em meio a esse contexto transformado, com distinção entre antropologia social e cultural, a disciplina estava mais dividida do que nunca, com o surgimento ainda da antropologia linguística.

No quarto e penúltimo capítulo, “Repensando o Social”, Tim Ingold relembra a influência de Radcliffe-Brown, por ter lançado o campo de antropologia social como ramo da sociologia, focado nas sociedades primitivas, idealizada como o estudo comparativo das formas de vida encontradas nas sociedades. Dessa forma, a ideia de um estudo comparativo das sociedades humanas parece admissível, até surgir a dúvida sobre o que é uma sociedade. Pois as mesmas não são entidades possíveis ver ou tocar, ou seja, a realidade com a qual lidamos na pesquisa em antropologia social não é uma entidade, mas um processo.

Enquanto isso, outros antropólogos buscaram a abordagem dos seres humanos individuais, com valores a serem perseguidos e recursos restritos para fazê-lo, escolhendo, a cada passo, interagir uns com os outros apenas de maneira a obter melhor vantagem estratégica. Essa abordagem gerou interesse no autor, que se convenceu que esse seria o futuro da antropologia social.

Nessa conjuntura, alguns teóricos procuraram demonstrar que as crenças e práticas tradicionais servem para manter não apenas o sistema social do qual fazem parte, mas o ecossistema inteiro, composto por relações humanas com animais, plantas e a terra. A hipótese era de que todos esses sistemas naturalmente tendem ao equilíbrio, uma vez que aquele que não o fizesse colapsaria no longo prazo.

Mas comprovações da instabilidade das relações entre os seres humanos e o ambiente estão em toda parte, se caracterizando como o motor da história, causando por exemplo o desflorestamento ou a desertificação. E tais crises, presentes na história da humanidade, só podem ser superadas com a transformação global tanto das relações sociais quanto das condições técnicas e ambientais de produção.

O autor descreve, através dessa perspectiva, as influências que viveu pelas correntes de pensamento da ecologia cultural e do marxismo estruturalista, na intenção de demonstrar como todos os seres humanos, participam concomitantemente de dois sistemas, o ecológico e o social, onde a questão seria compreender a interação entre os dois sistemas. Como destaca o autor, os seres humanos são seres biossociais, não por serem produtos dos genes e da sociedade, mas por produzirem continuamente a si mesmo, e uns aos outros, como as criaturas vivas que são.

Para isso, o Ingold questiona o que seria uma relação social, admitindo três respostas possíveis, a primeira sendo que toda relação é uma sequência de interações, prolongada no tempo; a segunda implica que a relação ocorre entre as posições que os indivíduos ocupam na estrutura institucional estabelecida; a terceira resposta caracteriza as relações como formas que os seres vivos têm de coexistir e traçar a existência uns dos outros. No jargão antropológico, os seres-em-relação “se constituem mutuamente”, interagem e intra-agem.

“Antropologia para o Futuro” é o último capítulo, e nele Tim Ingold espera ter convencido o leitor da importância da antropologia, pois nenhuma outra disciplina está mais estrategicamente disposta para aplicar a força da experiência humana, em todas as esferas da vida, às questões sobre como tecer um mundo digno para as gerações futuras habitarem.

No entanto, nos debates públicos sobre essas questões, os antropólogos são, em grande medida, reconhecidos por sua ausência. É possível que a sua ausência tenha ligação com o fato de que eles não têm nenhuma especialidade particular

para chamar de sua, nem um corpo coerente de conhecimento a transmitir. A antropologia não lhe diz o que você quer saber; ela abala os fundamentos daquilo que você já sabia, e isso pode ser desconfortável.

Os antropólogos precisam fazer ouvir as suas vozes, e atualmente se deparam com três obstáculos que eles mesmos criaram. O primeiro reside na autoapresentação da própria antropologia como a disciplina que “faz” a cultura. O segundo obstáculo está nos problemas da antropologia com o relativismo, um componente-chave da competência antropológica, onde por assim dizer, o comportamento humano sempre pode ser justificado com base no fato de que ele é “parte da cultura”. O terceiro obstáculo é a “etnografia”, ou seja, a observação participante, que também impede que as vozes antropológicas sejam ouvidas uma vez que tende a condensar a vida dos outros em um relato.

Dessa forma, é compreensível o ponto de vista daqueles que acreditam que o papel da antropologia é apenas fornecer os dados sobre “outras culturas”, sendo visto como um jornalismo sofisticado pela riqueza de material obtido pela imersão profunda e de longo prazo. Mas o objetivo da antropologia, de acordo com o autor, é totalmente diferente, é valer-se do que aprendemos de nossa experiência com outros povos e especular sobre quais poderiam ser as condições e as possibilidades da vida.

O autor ressalta que graças à riqueza da experiência humana que trazemos ao debate, nós antropólogos temos coisas extremamente importantes a dizer, e precisamos estar lá para dizê-las. Mesmo desconsiderando os obstáculos, a antropologia ainda tem um árduo caminho a percorrer para corrigir os mal-entendidos que assolam a sua imagem pública, longe dos estereótipos populares do antropólogo como vilão ou tolo.

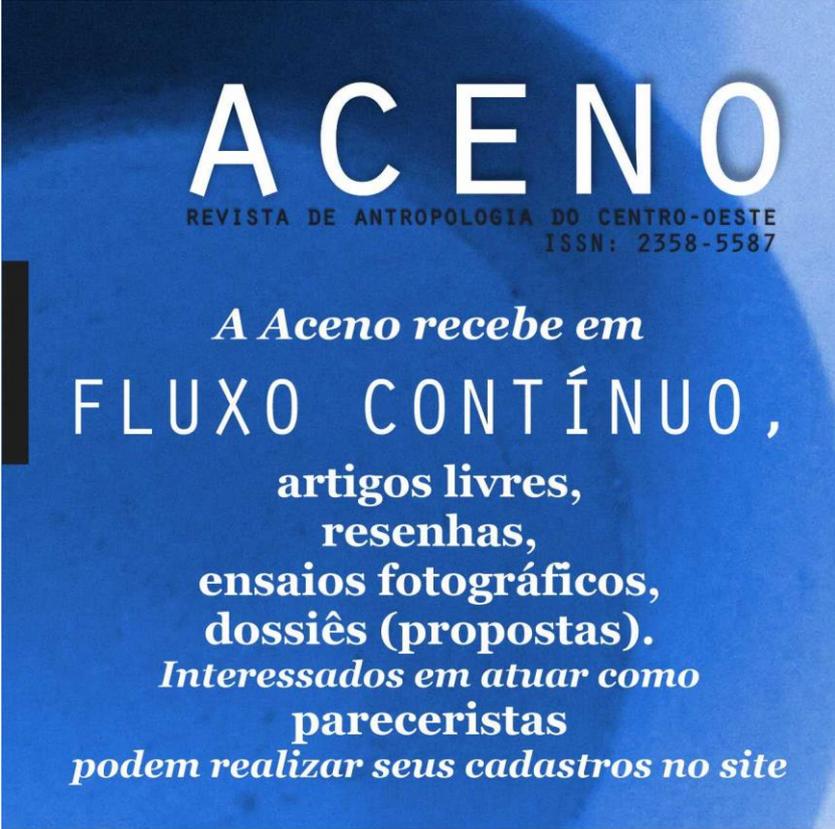
Para mudar as chances a nosso favor, o autor acredita que precisamos de três fatores: 1) reestabelecer a antropologia como uma disciplina única, ao invés de um amontoado de subdisciplinas separadas, preocupada com a vida humana em sua totalidade e não com algum aspecto particular dela; 2) alcançar um novo acordo entre os antropólogos de inclinação biofísica e sociocultural, em um diálogo único; 3) demonstrar como uma antropologia futura tem o potencial de transformar vidas, imergindo nesse processo e acompanhando-o.

Atualmente, é igualmente comum que os antropólogos trabalhem em casa como no exterior, nos grandes centros metropolitanos como nas periferias rurais, e a verdadeira contribuição da antropologia não está em sua literatura, mas em sua capacidade de transformar as vidas desses locais. Essa é a maneira de construir um mundo onde haja lugar para todos. E como encerra Tim Ingold, nós só podemos construí-lo juntos.

Em meio ao contexto atual, a obra se caracteriza como uma referência importante especialmente no que se refere às novas temáticas abordadas no campo da Antropologia, como questões de gênero e debates relacionados à comunidade LGBTQIA+, além de temas que constantemente provocam novas reflexões, como a crise ambiental. E principalmente agora, em virtude da pandemia do COVID-19 que provocou novos modos de relações, o futuro está cada vez mais incerto, tornando a disciplina ainda mais relevante ao considerar as diferentes experiências e demandas da sociedade mundial.

*Recebido em 22 de fevereiro de 2022.
Aprovado em 25 de abril de 2022.*

ACENO, 9 (19): 223-228, janeiro a abril de 2022. ISSN: 2358-5587
Resenhas



ACENO
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).
Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site